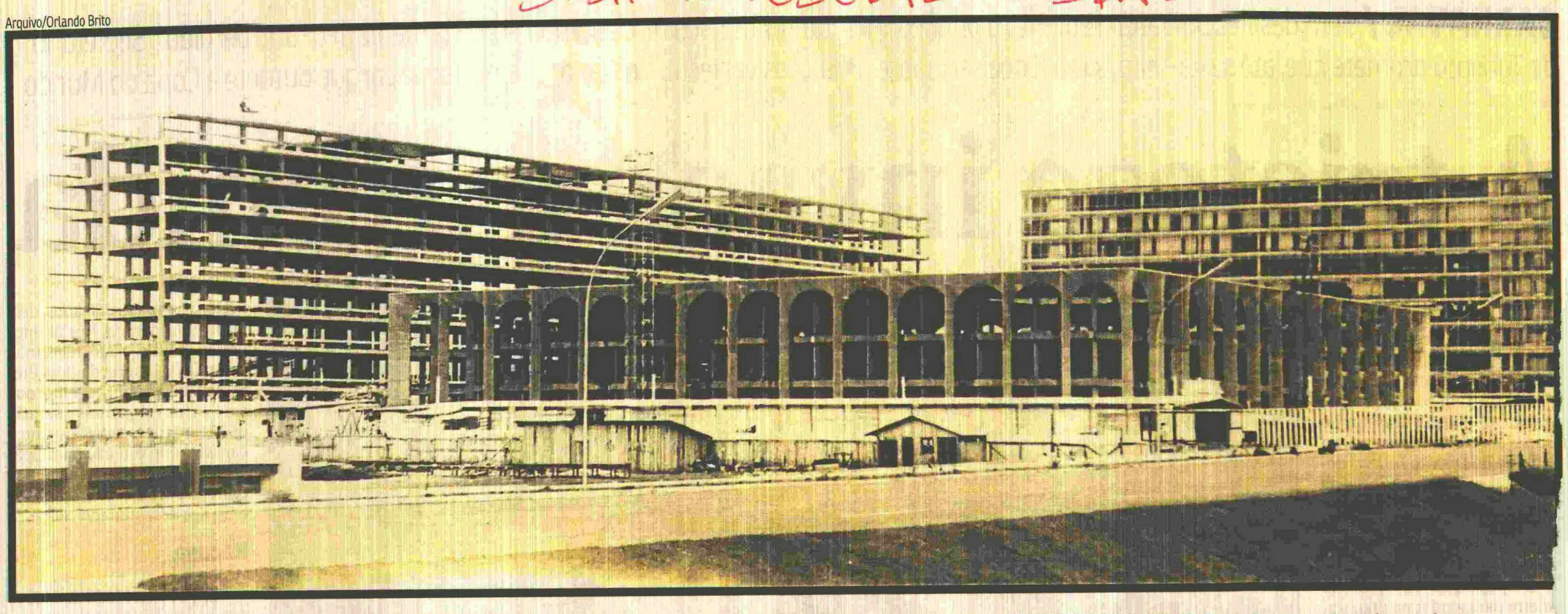
DISTRITO FEDERAL - BRASILIA

Arquivo/Orlando Brito



O registro histórico de Orlando Brito está na página Memórias de Brasília, no Facebook: o anexo do Congresso, o Palácio do Itamaraty e o Ministério da Saúde ainda sendo levantados pelos candangos

História de Brasília cai na rede

Alimentadas de forma colaborativa, páginas virtuais trazem fotos e contam curiosidades sobre a cidade, desde a sua formação até os dias de hoje

» LUIZ CALCAGNO

O Cine Drive-in ainda em obras; a tesourinha da 202 Norte alagada, nos anos 1960; a história da morte de Bernardo Sayão. Por meio de fotos, relatos e lembranças, a história de Brasília é recontada nas redes sociais por moradores, pioneiros e admiradores da cidade. De forma colaborativa, eles alimentam páginas virtuais com imagens de acervo pessoal, fatos sobre personalidades locais e novas visões sobre o cenário urbano planejado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Entre os conteúdos postados, estão vídeos da inauguração da cidade, imagens comparativas de quadras e prédios em 1960 e agora, entre outros. Algumas dessas imagens ganharam o mundo.

Na página Memórias de Brasília, os internautas podem divulgar material sobre a cidade. A única proibição são as postagens de cunho político. Lançada pelo ex-secretário de Cultura Silvestre Gorgulho há duas semanas, em poucos dias, o movimento ganhou mais de 1,2 mil curtidas. Nas postagens, os integrantes do grupo misturam a própria história com os acontecimentos importantes da capital. "As pessoas têm necessidade de conhecer a história de Brasília e de mostrar a própria participação na cidade. Buscar notícias no Arquivo Público é difícil. Mas ter acesso a isso pela internet é ter uma grande aula de história do Brasil", argumenta.

Para Gorgulho, a construção de Brasília tem o mesmo valor histórico que a vinda da corte de Portugal para o Brasil em 1808. "Essa página é da cidade. O espaço existe para que as pessoas conheçam a própria história. Postei uma foto da região do Lago Paranoá ainda sem o lago. Tinha gente que não sabia que era um lago artificial." Colaboradores da página, o fotógrafo Orlando Brito e o escritor e artista plástico Sebastião Ferreira Cascão Júnior, ambos com 65 anos, contam que chegaram a Brasília em 1957. Eles postam fotos e recordações. "A colaboração das pessoas que têm amor por Brasília forma a memória da cidade. Por isso, eu colaboro", afirma Brito.

Foi uma conversa de mesa de bar que incentivou o publicitário João Carlos Amador a criar a página Histórias de Brasília. Ele posta fatos e imagens da cidade, pesquisa histórias e recebe de leitores outras fotografias e casos da capital. É possível, por exemplo, ler um pouco da história do cineasta e bombeiro Afonso Brazza, morto em 2003, que filmava, com baixíssimo orçamento, histórias de ação passadas no DF; da banda Mel da Terra, cujos músicos recusaram-se a gravar a música *Eduardo e Mônica*, do compositor e poeta Renato Russo, antes de a banda de Renato Russo, Legião Urbana, ficar famosa; e até ver a W3 Sul em momentos áureos, repleta de pedestres e com o comércio aquecido. "Quando ando pelas ruas do Plano Piloto, estou sempre procurando algo novo", diz Amador.

O publicitário diz ter se tornado um pesquisador e historiador amador. Ele criou a página em julho de 2014, após perceber que ninguém sabia quem era Nilson Nelson, a pessoa que deu nome ao ginásio no Eixo Monumental. "Resolvi fazer uma página sobre história, mas com particularidades dos anos 1970 e 1980. Criei um formato, com textos de dois parágrafos, acompanhados de fotos. Tenho muitos livros sobre Brasília que me ajudam, faço pesquisas pela internet, mas nem toda fonte é confiável. Uso muitas matérias de jornais também. Os leitores também colaboram, nos comentários e até por e-mail."

A historiadora e professora da Universidade de Brasília (UnB) Cléria Botelho da Costa aprova as iniciativas. Para a especialista, a ciência da história não deve ser feita apenas pelos historiadores, porém, é muito importante, tanto para quem produz conteúdo quanto para quem o consome, conhecer as fontes do material postado. "A história da cidade, do país, é nossa. Somos responsáveis e sujeitos a ela. Todas as informações que registram memórias são importantes. Com elas, amamos a cidade, construímos a nossa identidade. Mas há critérios. A história é de todo mundo, mas não pode ficar presa apenas ao que eu quero contar. A história individual contribui com a de Brasília, mas não é a da capital em si", explica.

Outra página, chamada Urbex DF, divulga o material do blog Lugares Esquecidos. O arquiteto paraense Renato Pantoja criou os espaços para mostrar o que ele chama de "estética do abandonado da cidade". Ele dedica parte do próprio tempo ao hobby de fotografar locais pouco visitados ou abandonados de Brasília e do DF. "O assunto principal é a exploração urbana. Não deixo nada e não levo nada. Tenho imagens da piscina com ondas, no Parque da Cidade; do Clube do Servidor, entre outros. Adoro Brasília. Foi o lugar que escolhi para viver. Com as excursões, conheço mais a cidade, suas intimidades."

Atividade radical

O nome UrbEx é a sigla em inglês para "exploração urbana". A atividade, praticada em todo o mundo, consiste em reunir amigos para visitar e fotografar locais abandonados. Um dos pontos mais famosos e atrativos para os exploradores urbanos é a cidade ucraniana de Chernobil, onde ficava a Usina Nuclear de Chernobil. Após a explosão de um reator, em 26 de abril de 1986, o local foi abandonado.

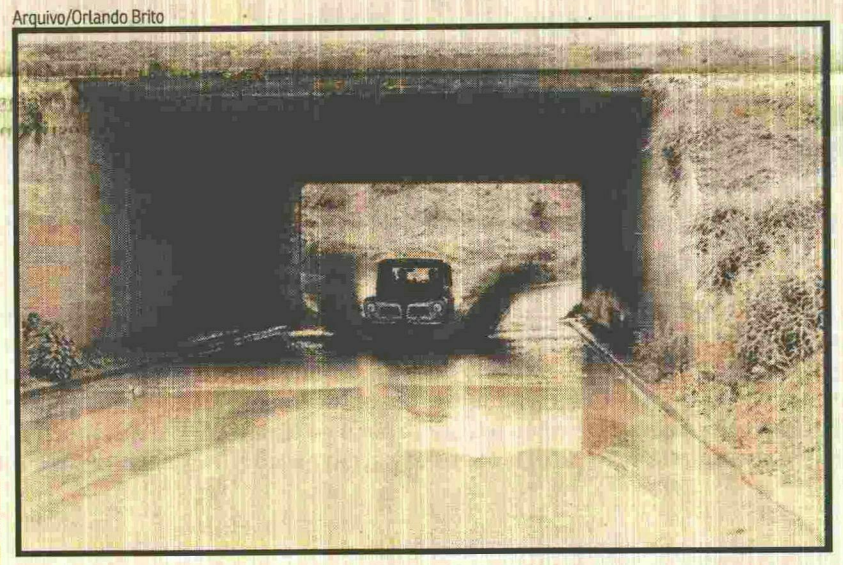
Na rede mundial

A página internacional *www.buzzfeed.com* também mostrou imagens de Brasília. O site de diversidades, imagens e listas engraçadas já divulgou uma série de fotografias contando a história da construção da cidade sob a ótica dos pioneiros e uma série de costumes tradicionais e termos, como comer pizza na Dom Bosco, pastel na Viçosa, e se referir ao ônibus como "baú" ou "buzão".

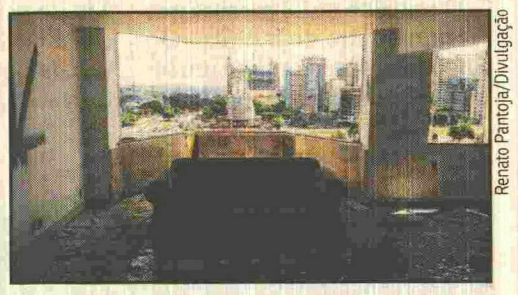
O narrador de Brasília

O jornalista esportivo gaúcho Nilson Nelson se mudou para a capital federal ainda durante a construção da cidade. Ele trabalhava na TV Nacional e narrava, entre outras coisas, jogos de futebol e corridas automobilísticas. Antes Ginásio de Esportes Presidente Médici, o espaço foi rebatizado após a morte dele, em 1987.

Arquivo/Orlando Brito



Arquivo/Orlando Brito



Renato Pantoja/Divulgação

Em sentido horário, fotos de Orlando Brito da 402 Norte alagada e da Catedral inacabada ao fundo. Na imagem de Pantoja, hotel no Eixo Monumental em ruínas

Memórias no jornal

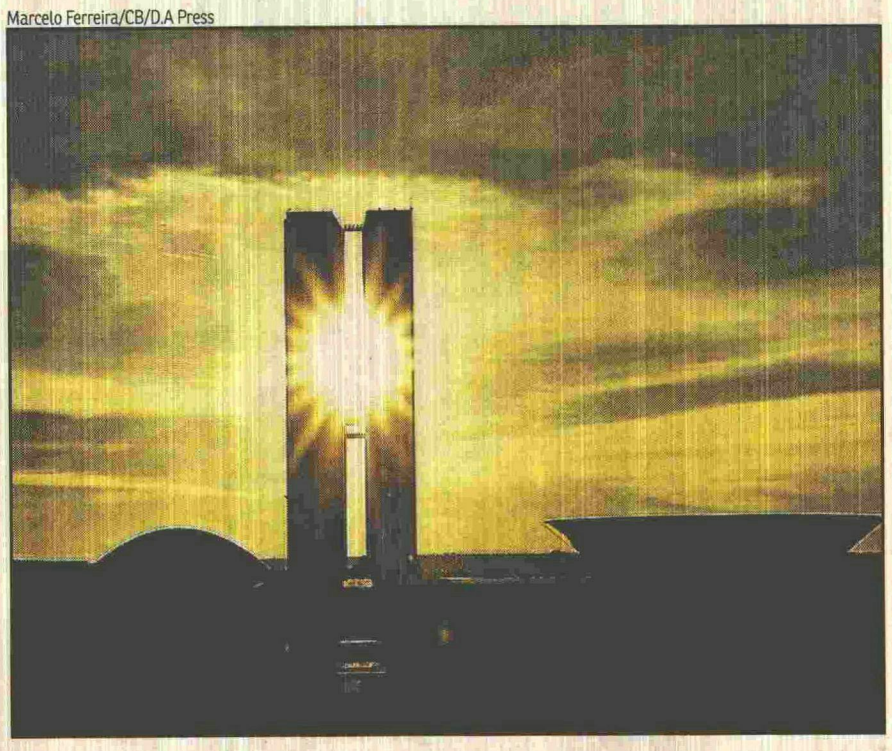
O **Correio Braziliense** também tem espaços dedicados à história de Brasília. Com cerca de 23.400 seguidores, o perfil *@cbfotografia*, na rede social de fotos para smartphones, o Instagram, registra desde as notícias mais importantes do dia até as cenas mais comuns da cidade, como a natureza nas superquadras, o movimento de veículos e pedestres, os cenários das cidades do DF, sob o olhar dos repórteres fotográficos do jornal. Para o editor de Fotografia do **Correio**, Luís Tajes, a qualidade do material postado é o que mais atrai os leitores. As imagens vão da tradicional foto de "bom-dia", no início da manhã, às imagens postadas durante a apuração de pautas. O número de aprovações passa de 800 em algumas horas.

Leitores não apenas curtem as fotos, também interagem. Muita gente de fora declara o amor pela cidade. "Já vimos internautas que nasceram em Brasília, mas não moram aqui, declarando a saudade pela terra natal, e pessoas de fora lembrando que não visitam o DF há muito tempo e também sentem falta daqui", explica Tajes. "Os seguidores interagem bem. Quando é uma foto de torcida, as pessoas se encontram nas imagens. Vira um canal de interação. Comunicam-se, inclusive, com o **Correio**, elogiando, reclamando, dando sugestões e tirando dúvidas", completa.

Outro perfil do Instagram que conta a história de Brasília é o *@cedoc_cb*, administrado pelos responsáveis pelo acervo do **Correio Braziliense**. Além de fotos icônicas da história local, a página reproduz capas clássicas do jornal e mostra o antes e o depois de vários locais do DF. Vanessa Bosi, uma das gerentes do departamento responsável pelo material, o Cedoc, explica a importância das postagens. "Trabalhamos com a preservação da memória do jornalismo no DF. O jornal nasceu com a cidade e temos registros desde o início."

Segundo Vanessa, os seguidores interagem com nostalgia e surpresa. Surpreendem-se com as mudanças na capital e se lembram de como a cidade era nos primórdios. "Preservamos a memória, cumprimos com a nossa função social e compartilhamos isso nas redes sociais. Alguns seguidores relatam as próprias memórias. Isso reforça a identidade de brasiliense. Se não fosse o **Correio Braziliense**, provavelmente não teríamos o registro de boa parte da construção e da evolução da cidade."

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

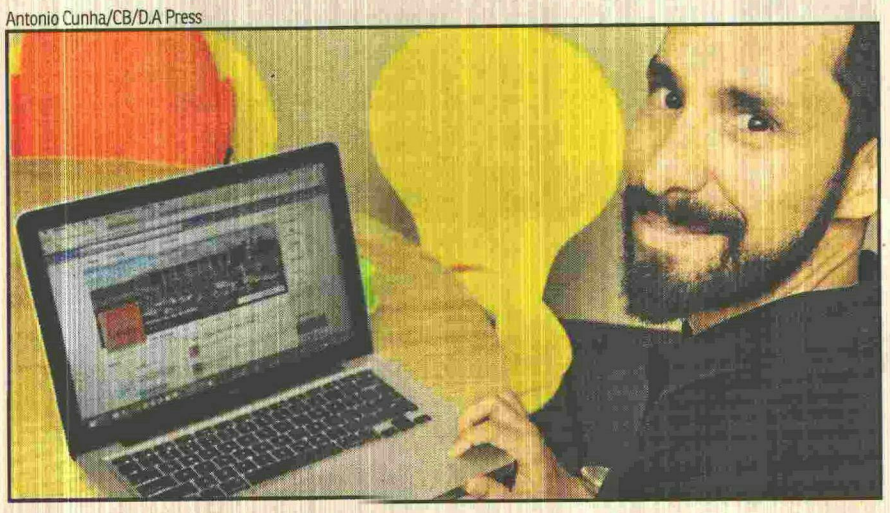


Fotos publicadas diariamente no Instagram do Correio fazem sucesso entre os leitores

As páginas

- » *www.facebook.com/groups/1006181269396828/?fref=ts*
- » *www.facebook.com/historiasdebsb?fref=ts*
- » *www.facebook.com/pioneirobernardosayao?fref=ts*
- » *www.facebook.com/DAPressConteudo?ref=ts&fref=ts*
- » *www.lugaresesquecidos.com.br*

Antonio Cunha/CB/D.A Press



Amador teve a ideia de criar a Histórias de Brasília em uma conversa de mesa de bar